

Museu da Casa dos Sete Candeeiros é reaberto

Peças como as lápides funerárias da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira são algumas das raridades expostas

Ana Cristina Barreto

Espécies únicas que restaram em toda a América Latina, as lápides funerárias da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, de Cachoeira, datadas do Século XVIII, são algumas das peças raras em exposição no Museu da Casa dos Sete Candeeiros, no Centro Histórico. O museu foi reinaugurado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) - vinculado ao Ministério da Cultura - no último dia 23, depois de fechado por quase 15 anos. O acervo de 140 peças do museu inclui ainda imagens sacras, pratarias, telas, mobiliário, entre outros objetos de grande valor histórico e artístico, como enumera o responsável pela 7ª Coordenação Regional do Iphan, o arquiteto Eduardo Simas.

As 29 lápides de madeira pintada, que se encontravam deterioradas devido à ação do tempo e dos cupins, permanecem em exposição no museu até o dia 18, quando deverão ser devolvidas ao cemitério da igreja, que vai passar por um tratamento especial para receber as peças. A restauração foi feita por José Dirson Argolo e equipe, com recursos da Fundação Vitae, de São Paulo, através de um convênio firmado com a própria irmandade representada pelo prior Jomar Conceição.

Latim - Atribuídas a um autor desconhecido, as lápides exibem pinturas em estilo rococó e trazem temas iconográficos associados a emblemas em latim, que perpetuam a tradição européia medieval de transformar cemitérios em locais de reflexão e catequese, num aparente contraste entre a vida e a morte. As frases, que foram traduzidas pelo museólogo Osvaldo Gouveia, da DOC Expõe, empresa responsável pelo projeto e montagem do museu - que durou cerca de 35 dias e consumiu cerca de R\$21 mil -, traduzem uma certa morbidez e são associadas às pinturas, a exemplo de: "Vão para o mesmo lugar o rico e o pobre" e "Destruição completa como a tempestade".

Para Osvaldo Gouveia, a grandiosidade do acervo do museu não está na quantidade de peças, mas na raridade de algumas delas, que guardam os maiores valores artísticos do país, como é o caso da imagem em barro cozido de Santa Mônica, do Século XVII, de autoria de Frei Agostinho da Piedade. "Essa é a única peça da obra de Frei Agostinho da Piedade, o pai da escultura brasileira, que se encontra



fora do Museu de Arte Sacra e do Mosteiro de São Bento, onde permanecem as obras", diz Osvaldo, acrescentando que o frei produziu entre 1615 e 1650 e criou a Escola Barrística Beneditina, iniciando a tradição da arte do barro.

Depois de 15 anos fechado, o museu está aberto à visitação pública com uma série de peças de grande valor histórico e artístico

Imóvel é restaurado

O imóvel que abriga o Museu da Casa dos Sete Candeeiros foi completamente restaurado pelo Iphan entre 96 e 97, consumindo recursos da ordem de R\$275 mil, próprios do Ministério da Cultura. Segundo Eduardo Simas, a casa teria sido fechada em 84 por um problema no telhado. "O Iphan fez a obra, mas faltou verba e o projeto para a reabertura do museu, o que só pôde ser concluído agora", explica o arquiteto Eduardo Simas.

Não se sabe o nome do construtor da Casa dos Sete Candeeiros nem a época exata em que foi erguida, mas sabe-se que é

uma edificação da segunda metade do Século XVII, que abrigou importantes nomes, como o desembargador Antônio Rodrigues Banha, chanceler do mais alto Tribunal de Justiça do Brasil. Acredita-se também que o casarão foi erguido sobre um dos baluartes que protegiam a muralha da cidade, correspondendo seu pátio lateral à antiga plataforma de tiro.

Em meados do Século XVIII, o solar pertenceu ao acervo dos jesuítas, que foram expulsos e a casa, então, foi a leilão, sendo arrematada pelo capitão de cavalaria Antônio Elias da Fonseca Galvão. Em 1808, quando da passagem da família Real exilada de Portugal, morava na Casa dos Sete Candeeiros o coronel Francisco José de Matos, que hospedou

Iphan organiza inventário

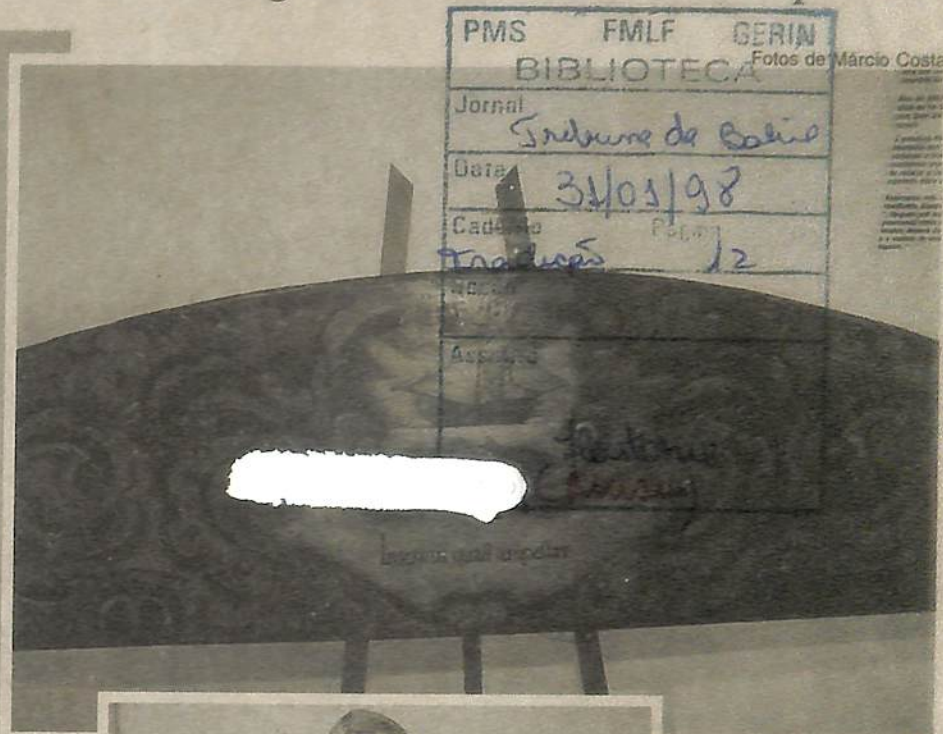
O segundo estado do Brasil a tomar tal iniciativa, a Bahia está trabalhando na catalogação de todos os bens móveis existentes na capital e interior (tombados ou não pelo Iphan), através do inventário do Iphan que funciona no andar térreo do Museu da Casa dos Sete Candeeiros. O trabalho, desenvolvido há mais de cinco anos, está sendo realizado em parceria com a Fundação Vitae, de São Paulo, e praticamente já foi concluído no interior. Agora, as atenções estão voltadas para Salvador e algumas cidades do Recôncavo, como afirma o responsável pela 7ª Coordenação Re-

gional do Iphan, o arquiteto Eduardo Simas.

"É uma pesquisa ampla e registrada em fichas com fotos das obras. Só com o conhecimento das peças se pode proteger e recuperar esses patrimônios em caso de degradação ou roubo, o que ainda ocorre no interior, sobretudo", diz Eduardo, destacando que o museu funciona ao lado da Delegacia de Repressão a Roubos de Obras e Arte e o inventário já facilitou a localização de peças roubadas em Saubara, próximo a Santo Amaro, entre 96 e 97. O estado pioneiro no trabalho do inventário foi Minas Gerais, que agora também está sendo seguido pelo Maranhão.

No mesmo pavimento em que funciona o inventário, está sediado o Setor de Restauração de Bens Móveis e Integrados do Iphan, que cuidou da recuperação de uma série de peças do acervo do museu e, como garante o coordenador do departamento, Cosme Santiago da Silva Filho, outras peças estão sendo trabalhadas para que possam ser expostas. "Restauramos também peças de igrejas", acrescenta. Segundo o restaurador Cosme da Silva Filho, além de manter o museu aberto, a proposta é fazer do espaço um local para que sejam apresentadas as peças restauradas pelo Iphan, antes de serem devolvidas aos seus locais de origem.

De acordo com Cosme, o museu pretende expor algumas



As lápides em madeira pintada têm inscrições em latim que traduzem o contraste entre vida e morte



A Santa Mônica, de Frei Agostinho da Piedade, é uma das peças de maior valor artístico do museu

O acervo é formado por telas, imagens sacras, pratarias, além de móveis que vão do Século XVII ao Século XIX



Pintura colonial e religiosa

O acervo do Museu da Casa dos Sete Candeeiros também reúne uma série de dez telas com retratos de capelinhas pintados pelo baiano José Teophilo de Jesus, considerado o maior discípulo de José Joaquim da Rocha, o maior pintor colonial do Brasil. As telas integram uma coleção de 29 obras do Convento da Piedade dos Capuchinhos. Ainda na pintura religiosa, a imagem de Nossa Senhora do Carmo é considerada uma das melhores representações da pintura da primeira metade do Século XVIII na Bahia, explica o museólogo Osvaldo Gouveia.

O museólogo faz questão de frisar que as três únicas peças em prata do museu são raras por serem do Século XVII, já que a maioria das obras da prataria existente na Bahia é datada dos séculos XVIII e XIX. Dentro do museu, os visitantes também podem conferir a representação de uma capela familiar das casas senhoriais, que traz pinturas barrocas do fim do Século XVIII, com influências do estilo rococó da segunda metade do mesmo século. Ainda na capela, existe a chamada urupema - espécie de tela em madeira -, um recurso usado para separar as jovens dos demais participantes da missa. Dentro da capela, imagens de Cristo na coluna, São Francisco Xavier e São José do Presépio.

A coleção do imaginário - imagens sacras - é rica em diversidade iconográfica e estilística, segundo avalia Osvaldo. Através do mobiliário, a ideia de expor

DICA

O Museu da Casa dos Sete Candeeiros está aberto à visitação pública de segun-

Sete Candeeiros, no Centro Histórico. O museu foi reinaugurado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) - vinculado ao Ministério da Cultura - no último dia 23, depois de fechado por quase 15 anos. O acervo de 140 peças do museu inclui ainda imagens sacras, pratarias, telas, mobiliário, entre outros objetos de grande valor histórico e artístico, como enumera o responsável pela 7ª Coordenação Regional do Iphan, o arquiteto Eduardo Simas.

As 29 lápides de madeira pintada, que se encontravam deterioradas devido à ação do tempo e dos cupins, permanecem em exposição no museu até o dia 18, quando deverão ser devolvidas ao cemitério da igreja, que vai passar por um tratamento especial para receber as peças. A restauração foi feita por José Dirson Argolo e equipe, com recursos da Fundação Vitae, de São Paulo, através de um convênio firmado com a própria irmandade representada pelo prior Jomar Conceição.

Latim - Atribuídas a um autor desconhecido, as lápides exibem pinturas em estilo rococó e trazem temas iconográficos associados a emblemas em latim, que perpetuam a tradição européia medieval de transformar cemitérios em locais de reflexão e catequese, num aparente contraste entre a vida e a morte. As frases, que foram traduzidas pelo museólogo Osvaldo Gouveia, da DOC Expõe, empresa responsável pelo projeto e montagem do museu - que durou cerca de 35 dias e consumiu cerca de R\$21 mil -, traduzem uma certa morbidez e são associadas às pinturas, a exemplo de: "Vão para o mesmo lugar o rico e o pobre" e "Destruição completa como a tempestade".

Para Osvaldo Gouveia, a grandiosidade do acervo do museu não está na quantidade de peças, mas na raridade de algumas delas, que guardam os maiores valores artísticos do país, como é o caso da imagem em barro cozido de Santa Mônica, do Século XVII, de autoria de Frei Agostinho da Piedade. "Essa é a única peça da obra de Frei Agostinho da Piedade, o pai da escultura brasileira, que se encontra



fora do Museu de Arte Sacra e do Mosteiro de São Bento, onde permanecem as obras", diz Osvaldo, acrescentando que o frei produziu entre 1615 e 1650 e criou a Escola Barrística Beneditina, iniciando a tradição da arte do barro.

Depois de 15 anos fechado, o museu está aberto à visitação pública com uma série de peças de grande valor histórico e artístico

Imóvel é restaurado

O imóvel que abriga o Museu da Casa dos Sete Candeeiros foi completamente restaurado pelo Iphan entre 96 e 97, consumindo recursos da ordem de R\$275 mil, próprios do Ministério da Cultura. Segundo Eduardo Simas, a casa teria sido fechada em 84 por um problema no telhado. "O Iphan fez a obra, mas faltou verba e o projeto para a reabertura do museu, o que só pôde ser concluído agora", explica o arquiteto Eduardo Simas.

Não se sabe o nome do construtor da Casa dos Sete Candeeiros nem a época exata em que foi erguida, mas sabe-se que é

uma edificação da segunda metade do Século XVII, que abrigou importantes nomes, como o desembargador Antônio Rodrigues Banha, chanceler do mais alto Tribunal de Justiça do Brasil. Acreditada-se também que o casarão foi erguido sobre um dos baluartes que protegiam a muralha da cidade, correspondendo seu pátio lateral à antiga plataforma de tiro.

Em meados do Século XVIII, o solar pertenceu ao acervo dos jesuítas, que foram expulsos e a casa, então, foi a leilão, sendo arrematada pelo capitão de cavalaria Antônio Elias da Fonseca Galvão. Em 1808, quando da passagem da família Real exilada de Portugal, morava na Casa dos Sete Candeeiros o coronel Francisco José de Matos, que hospedou parte da comitiva. Na época, segundo cronistas, a casa teve suas fachadas externas ornamentadas por sete candeeiros para a iluminação do trecho escuro da rua. Daí ficou conhecida até hoje como a Casa dos Sete Candeeiros. Outra remota possibilidade para origem do nome foi a existência de lâmpioes que iluminavam os sete salões da casa.

DICA

O Museu da Casa dos Sete Candeeiros está aberto à visitação pública de segunda a sexta-feira, das 14h às 18h. Após esta fase inicial, como diz o arquiteto Eduardo Simas, o museu deverá funcionar pela manhã e à tarde e vai servir como mais um espaço dinâmico de cultura e lazer, reunindo exposições temporárias e permanentes, além de sediar conferências, palestras, debates e outras atividades culturais nos seus vários salões. O museu fica na Rua São Francisco, 32, Centro Histórico (próximo à Rua da Ajuda). Tel: 321-0686.



Iphan organiza inventário

O segundo estado do Brasil a tomar tal iniciativa, a Bahia está trabalhando na catalogação de todos os bens móveis existentes na capital e interior (tombados ou não pelo Iphan), através do inventário do Iphan que funciona no andar térreo do Museu da Casa dos Sete Candeeiros. O trabalho, desenvolvido há mais de cinco anos, está sendo realizado em parceria com a Fundação Vitae, de São Paulo, e praticamente já foi concluído no interior. Agora, as atenções estão voltadas para Salvador e algumas cidades do Recôncavo, como afirma o responsável pela 7ª Coordenação Re-

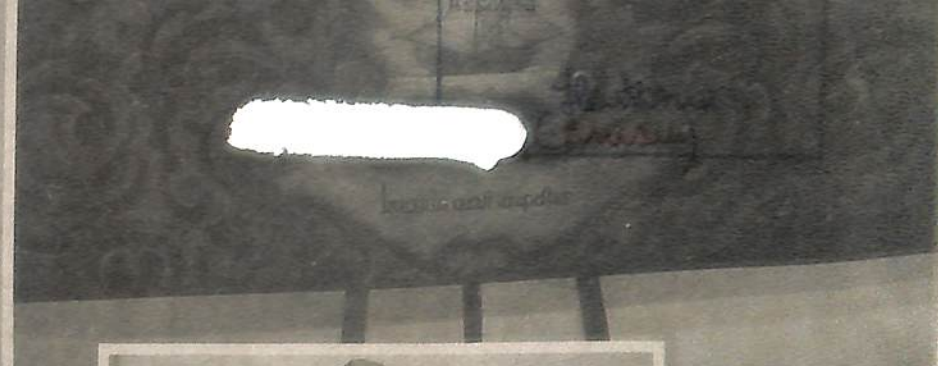
gional do Iphan, o arquiteto Eduardo Simas.

"É uma pesquisa ampla e registrada em fichas com fotos das obras. Só com o conhecimento das peças se pode proteger e recuperar esses patrimônios em caso de degradação ou roubo, o que ainda ocorre no interior, sobretudo", diz Eduardo, destacando que o museu funciona ao lado da Delegacia de Repressão a Roubos de Obras e Arte e o inventário já facilitou a localização de peças roubadas em Saubara, próximo a Santo Amaro, entre 96 e 97. O estado pioneiro no trabalho do inventário foi Minas Gerais, que agora também está sendo seguido pelo Maranhão.

No mesmo pavimento em que funciona o inventário, está sediado o Setor de Restauração de Bens Móveis e Integrados do Iphan, que cuidou da recuperação de uma série de peças do acervo do museu e, como garante o coordenador do departamento, Cosme Santiago da Silva Filho, outras peças estão sendo trabalhadas para que possam ser expostas. "Restauramos também peças de igrejas", acrescenta. Segundo o restaurador Cosme da Silva Filho, além de manter o museu aberto, a proposta é fazer do espaço um local para que sejam apresentadas as peças restauradas pelo Iphan, antes de serem devolvidas aos seus locais de origem.

De acordo com Cosme, o museu pretende expor algumas peças recuperadas pelo pintor e restaurador carioca José Rescala, que veio para a Bahia entre as décadas de 40 e 50. O ateliê de Rescala funcionou no andar térreo da Casa dos Sete Candeeiros. "Ele foi o primeiro restaurador sistemático da Bahia e a exposição seria uma forma de homenageá-lo", diz o museólogo Osvaldo Gouveia.

O museu abriga o Setor de Restauração de Bens Móveis e Integrados do Iphan



As lápides em madeira pintada têm inscrições em latim que traduzem o contraste entre vida e morte

A Santa Mônica, de Frei Agostinho da Piedade, é uma das peças de maior valor artístico do museu

O acervo é formado por telas, imagens sacras, pratarias, além de móveis que vão do século XVII ao Século XIX

Pintura colonial e religiosa

O acervo do Museu da Casa dos Sete Candeeiros também reúne uma série de dez telas com retratos de capelinhas pintados pelo baiano José Teophilo de Jesus, considerado o maior discípulo de José Joaquim da Rocha, o maior pintor colonial do Brasil. As telas integram uma coleção de 29 obras do Convento da Piedade dos Capuchinhos. Ainda na pintura religiosa, a imagem de Nossa Senhora do Carmo é considerada uma das melhores representações da pintura da primeira metade do Século XIX na Bahia, explica o museólogo Osvaldo Gouveia.

O museólogo faz questão de frisar que as três únicas peças em prata do museu são ricas por serem do Século XVII, já que a maioria das obras da prataria existente na Bahia é datada dos séculos XVIII e XIX. Dentro do museu, os visitantes também podem conferir a representação de uma capela familiar das casas senhoriais, que traz pinturas barrocas do fim do Século XVIII, com influências do estilo rococó da segunda metade do mesmo século. Ainda na capela, existe a chamada urupema - espécie de tela em madeira -, um recurso usado para separar as jovens dos demais participantes da missa. Dentro da capela, imagens de Cristo na coluna, São Francisco Xavier e São José do Presépio.

A coleção do imaginário - imagens sacras - é rica em diversidade iconográfica e estilística, segundo avalia Osvaldo. Através do mobiliário, a ideia da exposição foi mostrar a evolução dos móveis brasileiros, desde uma arca de madeira do Século XVII até cadeiras do Século XIX. Na entrada do museu, uma cadeira de arruar, do Século XIX e com coxins de pele de cabra, convida os visitantes a uma viagem no tempo em que os escravos conduziam seus senhores, elegantemente sentados, nos ombros. "Toda a casa tem um grande valor arquitetônico representante do Século XVII, e é de grande importância esta preocupação do Iphan em restaurar e apresentar ao público este patrimônio artístico", diz Osvaldo.